

**Ponderações acerca da modalidade deôntica em Libras: uma análise funcionalista a partir de um *corpus* sinalizado**

**Ponderations about the deontic modality in Libras: a functionalist analysis based on a signaled corpus**

Charley Pereira Soares<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Viçosa

Eduardo Andrade Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Gabriel Franca do Couto<sup>3</sup>  
Centro de Capacitação de Profissional da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez de Minas Gerais

**Resumo:** A subjetividade que um emissor manifesta seu enunciado, imbuído de impressões, sentidos e significados, é delineada por expressões modais que contribuem para a comunicação humana (NASCIMENTO, 2010). Embora esta questão seja natural e inerente a quaisquer línguas, essa discussão ainda é pouco empreendida na Libras. Por essa razão, intentamos desenvolver uma análise referente à modalidade deôntica dessa língua, sob o viés da obrigatoriedade, da permissividade e da proibição. Para tal, utilizamos o vídeo de uma pessoa surda sinalizante, proveniente do subprojeto Surdos de Referência, que compõe o Corpus da Libras. Este material foi transcrito em glosa para que a análise e a localização dos termos modais se tornasse mais evidente. Ao todo encontramos trinta e quatro modalizadores deônticos, sendo vinte e quatro de obrigatoriedade, seis de permissão e quatro de proibição, que não estão desprovidos ou distantes de fatores sociais, uma vez que, a partir da percepção funcionalista, a língua se cristaliza em meio às interações e às ações comunicativas.

**Palavras-chave:** Análise funcionalista; Corpus da Libras; Modalidade Deôntica de Obrigatoriedade; Modalidade Deôntica de Permissão; Modalidade Deôntica de Proibição.

**Abstract:** Subjectivity related to the way in which an emitter expresses the statement, with personal impressions and meanings, is highlighted by modal expressions that contribute to human communication (NASCIMENTO, 2010). Although this situation is natural and inherent in any languages, this discussion is still little undertaken in Brazilian Sign Language. For this reason, we intend to develop an analysis regarding the deontic modality of this sign language, considering the perspective of obligation, permissiveness and prohibition. For this, we use the video of a signaler deaf person, coming from the Deaf Reference subproject, which makes up the Brazilian

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e licenciado em Letras/Libras pela UFSC. Docente de Libras na Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: charley.psoares@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tradutor e intérprete de Libras-Português na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: edu.gomes06@gmail.com

<sup>3</sup> Licenciando em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente de Libras e professor no núcleo de tecnologias e de adaptação de material didático no Centro de Capacitação de Profissional da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez de Minas Gerais (CAS). E-mail: gabrieldocouto24@gmail.com

Sign Language Corpus. This video was transcribed in gloss, so that the analysis and localization to the modal terms became more evident. In all we find thirty-four deontic modalizers, twenty-four obligatory, six permission and four prohibitive, who are not without or far from social factors, based from the functionalist perception, the language crystallizes in the middle interactions and communicative personal actions.

**Key-words:** Functionalist analysis; Libras's Corpus; Deontic Obligation Modality; Deontic Modality of Permission; Deontic Prohibition Modality.

**Submetido em 14 de janeiro de 2020.**

**Aprovado em 22 de julho de 2020.**

## **Introdução**

As pesquisas linguísticas referentes às línguas de sinais foram impulsionadas pelo estadunidense William Clarence Stokoe Jr, juntamente com seus colaboradores, a partir de constatações no âmbito fonológico da Língua de Sinais Americana (ASL) por volta da década de 1960 (OLIVEIRA, 2015). Baseado neste reconhecimento e em novas observações, desdobramentos dessa natureza começaram a ser discutidos no Brasil e, segundo Quadros (2017), a primeira publicação sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras)<sup>4</sup>, promovida por Lucinda Ferreira Brito, é datada de 1984. Obviamente, devido à incipiência e valorização da temática, as pesquisas de caráter linguístico começaram a se ampliar a partir do anos 2002/2005, em que a Lei e o Decreto reconheceram e regulamentaram a Libras enquanto primeira língua<sup>5</sup> da população surda e surdocega<sup>6</sup>, bem como incentivaram a formação de professores, tradutores e intérpretes e a inserção da Libras enquanto disciplina obrigatória nos cursos superiores de licenciaturas e fonoaudiologia, respectivamente. Sendo assim, Quadros (2017) cita cerca de quatro dezenas de publicações (e.g., artigos, livros, dissertações, teses) que envolvem a linguística (e.g., teórica, descritiva e aplicada) da Libras, por meio de um levantamento<sup>7</sup> feito entre os anos de 2002 e 2016.

Sabendo que o escopo de estudo da linguística enquanto ciência é vasta por compreender os aspectos da linguagem humana, quando se trata de língua (i.e., linguagem verbal), ainda há o que se (re)pensar. Em relação às línguas de particularidade gestual-

<sup>4</sup> Esta nomenclatura, Libras, enquanto língua nacional da população surda brasileira, foi definida após convenção promovida pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) em 1992.

<sup>5</sup> Não podemos perder de vista que a língua, além de seu advento comunicativo, é uma marcação e manifestação cultural de um povo, como defende Eagleton (2005).

<sup>6</sup> As pessoas surdocegas possuem, além da Libras tátil, outras formas de comunicação como a háptica, o tadooma, dentre outros.

<sup>7</sup> Consoante aos dizeres da própria autora em sua obra, este levantamento não representa exatamente a quantidade de publicações a respeito da linguística da Libras.

visual, existem frutíferas oportunidades, visto a sua jovem trajetória como alvo de investigações, podendo trazer contribuições para a linguística como um todo (QUADROS, 2013). Em conformidade com o exposto anterior, acreditamos ser pertinente promover discussões funcionalistas que tange à semântica-pragmática da Libras, uma vez que o discurso é onde, de fato, a língua se apresenta, se constrói e se molda. A análise funcionalista concebe a língua como um canal de interação social, vinculada ao uso e às ações comunicativas, não sendo, portanto, um artefato rígido, estruturalista e individual, conforme salienta Marques (2009). Contudo, apesar do alto desprovimento de pesquisas nessa área, não é simples sistematizar dados ao nível do significado, por englobarem a estrutura lexical, gramatical e enunciativa.

Nesse sentido, pretendemos trazer à tona uma questão pouco debatida em línguas de sinais pelo mundo, conforme indica, por exemplo, Wilcox e Wilcox (1995), Shaffer (2004), Herrmann (2013), Shaffer e Janzen (2016) e Salazar-García (2018). Não obstante, no Brasil, esta temática surge, pioneiramente, em Ferreira (2010)<sup>8</sup>, embasada em discussões referentes à ASL, ao mencionar a existência da modalidade<sup>9</sup> deôntica na Libras. Todavia, a partir de uma descrição preambular, a autora alerta que, em línguas de sinais, os termos poderão, além do seu significado (padrão) em si, agregar maior ou menor intensidade devido às expressões não-manuais. Esta intensidade, por sua vez, também pode ser inserida e evidenciada a partir de articuladores manuais como a duplicação do número de mãos em uso, acrescentado por Xavier (2014; 2017). Xavier e Wilcox (2014) também tecem discussões a respeito dos modais na Libras, porém os autores buscam compreender se essas manifestações floresceram por meio dos mesmos processos de gramaticização que as línguas vocais-auditivas. Em outras palavras, tal processo ilustra-se no fenômeno de transição de categoria linguística dos termos em uma perspectiva sincrônica. Ainda, em Almeida-Silva e Carvalho (2015) que discutem o emprego dos modais em uma tarefa interpretativa simultânea de vocalização (i.e., da Libras oral<sup>10</sup> para o Português oral).

---

<sup>8</sup> Esta é a publicação atualizada da obra lançada ineditamente em 1995.

<sup>9</sup> O termo, modalidade, aqui neste trabalho, apresenta distinta conotação amplamente utilizada por pesquisadores de línguas de sinais e que será explicada ao longo do texto. A modalidade majoritariamente trabalhada refere-se à da língua, sendo caracterizada como os sistemas físicos ou biológicos de percepção e de produção linguística. Em relação às línguas de sinais, estas são compreendidas pelo sistema visual e produzidas pelo gestual (McBURNEY, 2004). Por isso são consentidas como línguas gestuais-visuais.

<sup>10</sup> Este termo alude à oralidade enquanto uma característica comunicativa que se dá por interação sinalizada face a face em que a língua é articulada e manifestada.

No tocante à organização geral deste trabalho, o dividimos em quatro momentos: (i) a breve fundamentação teórica, no qual constam as principais características da vertente de modalização em questão, (ii) a metodologia, onde encontra-se dados relativos ao *corpus* da Libras, (iii) a discussão, relacionando o conjunto de informações detectadas aos aportes teóricos e (iv) as considerações finais, indicando mares a ser navegados.

## 1 Breve Fundamentação Teórica

Modalidade ou expressões de noções modais em domínio semântico é assentada em uma condição de significação concreta que caminha para a forma como o emissor se expressa quanto ao conteúdo e a essência da mensagem pretendida, sendo um latente traço de subjetividade tanto a esse enunciador quanto ao receptor da informação (NASCIMENTO, 2010; OLBERTZ, 2017). Esse caráter subjetivo se alinha ao fenômeno argumentativo, ao passo que quaisquer intenções ou constatações provenientes da modalização do discurso se dão em função do emissor ou do enunciado como apontam Koch (2002) e Nascimento (2010).

Alguns autores já pontuaram a existência de tipos de modalização, a saber, a epistêmica, a afetiva, a avaliativa e a deôntica (FERREIRA, 2010; NASCIMENTO, 2010). Neste trabalho, nos apegamos à última tipologia supracitada.

Convencionalmente, tal modalidade, deôntica, é referenciada por transmitir, a partir de um domínio semântico, a percepção de obrigatoriedade, necessidade e proibição, como sugerem Van der Auwera e Plungian (1998), Ferreira (2010) e Nascimento (2010). Esta compreensão, sutil ou não, surge por intermédio de seus modalizadores, (i.e., termos das sentenças, sobretudo verbos), que evidenciam a respectiva ideia e contribuem para a coerência textual. Entretanto, Nascimento (2010) se ampara em Cervoni (1989) para discutir a necessidade em se ampliar a concepção de modalidade deôntica para além da obrigatoriedade. A partir do exemplo citado pelo autor “Você pode fumar aqui”, percebemos que não se trata de uma ordem, mas de uma permissão. Assim, o enunciado representa uma modalidade deôntica de possibilidade. Diante do exposto, Nascimento (2010, p. 35) propõe a seguinte categorização para esta modalidade:

1. De obrigatoriedade – quando expressa que o conteúdo da proposição é algo que deve ocorrer obrigatoriamente e que o provável interlocutor deve obedecê-lo;
2. De proibição – quando expressa que o conteúdo da proposição é algo proibido e deve ser considerado como tal pelo provável interlocutor;
3. De possibilidade – quando

expressa que o conteúdo da proposição é algo facultativo e/ou quando o interlocutor tem a permissão para exercê-lo ou adotá-lo.

Além disso, o referido autor pontua que esta modalidade pode ocorrer por três formas distintas, tais como: (a) diretamente expressa, quando o modalizador conduz a uma obrigatoriedade, proibição ou permissão, (b) indiretamente expressa, em que o modalizador não evidencia claramente a que(m) é posta a obrigação, proibição ou permissão e (c) inclusiva, quando o modalizador expressa a ideia para o receptor, mas também para o emissor. Em consonância com as alegações anteriores, Van der Auwera e Plungian (1998) complementam que a modalidade deôntica possibilita a identificação de circunstâncias favoráveis ao emissor e/ou receptor das mensagens, bem como o estado social ou ético que influencia o posicionamento dos agentes envolvidos ao discurso. Todas as considerações dissertadas aqui são oriundas de exemplos de língua vocal-auditiva, como o Português. Por se tratar de uma ocorrência característica às línguas naturais, agora, iremos relacionar esses conceitos a exemplos da Libras.

Segundo Ferreira (2010), a Língua Brasileira de Sinais também apresenta esses modalizadores, que são os próprios léxicos como OBRIGAR, PROIBIR, PODER, POSSÍVEL<sup>11</sup> e portam atributos socialmente construídos de obrigatoriedade, proibição e possibilidade. No caso destas línguas em que a percepção e a realização sucedem de forma visual e gestual, as expressões não-manuais também contribuem, como em qualquer língua, para a constituição dos sinais (PFAU; QUER, 2010). Em se tratando das línguas de sinais, Wilcox e Wilcox (1995), Reilly (2006), Pizzio, Rezende e Quadros (2009) e Araújo (2013) as diferenciam entre afetivas e gramaticais. As afetivas demonstram sentimentos e emoções, ocorrendo ou não concomitantemente aos léxicos, enquanto as gramaticais são expressões vinculadas diretamente à estrutura da língua, em viés fonológico, morfológico e sintático.

Para Pizzio, Rezende e Quadros (2009) e Araújo (2013) as expressões não-manuais em nível morfológico se fundamentam na variação do espectro de tamanho e intensidade, principalmente em substantivos e adjetivos. As expressões relacionadas ao nível sintático indicam as construções em sentenças, seus componentes no discurso (e.g.; sujeito, verbo, objeto) por primar o uso, o movimento e a direção da face, da cabeça, dos ombros, englobando a testa, os olhos, as sobrancelhas, as bochechas, o nariz, a boca e a

---

<sup>11</sup> As palavras grafadas aqui em Português com letras maiúsculas são representações dos respectivos sinais em Libras. Esta forma de transcrição é denominada glosa (QUADROS, 2016).

língua (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019). Ainda neste nível, interligado ao semântico, Wilcox e Wilcox (1995) salientam a importância das expressões não-manuais na construção e significação verbal, acrescida dos movimentos e de referência espacial.

Além das expressões não-manuais supracitadas, os marcadores manuais também contribuem para designar alguma modificação entre a forma basal e intensificada do signo verbal. Xavier (2017) inclui a duplicação de mãos para exibir a intensidade do modal em questão. Apesar desta estar e ser articulada, concomitantes ou não, às expressões não-manuais, segundo o autor, a intensidade em Libras também pode ser ventilada por noções de iconicidade.

Assim, sob o enfoque funcionalista, buscamos compreender e analisar os modalizadores deônticos na Libras.

### 3 Método: Dados e sua Coleta

Em linguística, *corpus*<sup>12</sup> remete a um agrupamento de registros textuais (e.g., escritos, orais/sinalizados), seja para oportunizar dados em maior ou menor quantidade e certificar padrões ou variações, seja para atender a um objetivo específico de análise, conforme Fromm (2003) declara. Em relação a Libras, existe, desde 1995, um *corpus* em construção que abarca distintos projetos (QUADROS, 2016). De acordo com Quadros e Stumpf (2014, p. 32), o *corpus* dessa língua tem a intenção de “constituir uma documentação da Libras abrangente e consistente, bem como sistematizar os procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados e metadados relativos à Libras”.

Nesse sentido, para este trabalho, utilizamos um vídeo<sup>13</sup> de entrevista que se encontra no referido *corpus*. Essa entrevista teve duração de 00:34:48 e abarcou respostas condizentes à história de vida pessoal quanto a aprendizagem, uso e importância da Libras enquanto primeira língua e do Português, além da atuação profissional. Ademais, o gênero entrevista foi escolhido como potencial dado, por representar, de forma geral, uma sequência de ideias, expressões, opiniões e pensamentos de condição oral/sinalizada ou

---

<sup>12</sup> Quando se trata de um conjunto de *corpus*, tem-se *corpora*.

<sup>13</sup> Características e informações: Santa Catarina - Florianópolis, Projeto Surdos de Referência, Feminino 20, Câmera 01, 02 e 03, ano 2017. Entrevistada: Marianne Rossi Stumpf. Pesquisadora responsável: Ronice Muller de Quadros.

escrita, cuja intenção é promover a interlocução e a comunicação (MARCUSCHI, 2008; GOMES, 2012).

Como ferramenta para análise, o *Eudico Language Annotator* (ELAN)<sup>14</sup>, é o mais indicado, visto a eficácia em sincronizar o vídeo (i.e., dado) com as respectivas transcrições, mantendo a sua temporalidade (LEITE; McCLEARY, 2013). Ainda, proporciona uma quantidade infindável de registros subdivididos em trilhas específicas.



Figura 01: Interface do ELAN.

Fonte: os próprios autores.

Apesar deste *software* atender, e muito, aos anseios para análise de materiais multimídias, existe um impasse enfrentado por muitos pesquisadores e/ou usuários ao transcrever uma língua de sinais, que é quadrimensional, para uma linear, como o Português. Para isso é necessário articular, simultaneamente, um conjunto de notações às glosas. Entretanto, clama-se por um sistema de transcrição que seja padronizado, objetivando facilitar e otimizar o trabalho entre quaisquer grupos (QUADROS, 2016). Em função dessa ainda não uniformidade entre as transcrições, apresentamos um quadro com o significado dos respectivos símbolos utilizados<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> *Software* gratuito desenvolvido pelo Max Planck Institute of Psycholinguistics da Holanda que está disponível, gratuitamente, em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>.

<sup>15</sup> Este quadro é baseado no manual de transcrição, versão 03/05/2017, usado no Corpus de Libras, CAEE 17028413.0.0000.0121, cuja pesquisadora responsável é Ronice Muller de Quadros. Em 2019, após convenção entre membros da Associação Brasileira de Libras (ABL) no evento ABRALIN50, em Maceió-AL, foi firmado a simplificação e conseqüente redução de símbolos para transcrição de línguas de sinais.

<b>SÍMBOLO</b>	<b>SIGNIFICADO</b>
<b>IX</b>	Apontamento para pessoas, objetos. A localização está indicada por este símbolo (i.e., referente) seguido com as letras minúsculas. Ex: IX (eu).
+	Evidencia que o sinal possui reduplicação ou sequência repetida de movimentos, e que algo ocorreu com o padrão de movimento do sinal. Ex: um dos variantes para o sinal MÃE apresenta dois movimentos na lateral do nariz. Quando existir mais movimentos, usa-se MÃE+.
-	Reflete que o sinal é estático, realizado no espaço sem movimento. Tal sinal se mantém por mais tempo. Ex: um dos variantes para o sinal MÃE ser sinalizado no nariz sem movimento por um tempo mais longo. Por isso, MÃE_.
<b>DEM</b>	Pronome demonstrativo usando um dedo. Ex: DEM (lá).
<b>DV</b>	Representação para classificadores e/ou verbos descritores visuais. O detalhamento da construção visual é feito entre parênteses. Ex: DV (pegar-objeto).
<b>E</b>	Produção de emblemas altamente convencionados. E(negativo): polegar para baixo e E(positivo): polegar para cima.
<b>FS</b>	Denominação para soletração/datilologia. Ex: FS (reabilitação).
<b>POSS</b>	Pronome possessivo seguido pelo referente com letras minúsculas. Ex: POSS(seu).

Todavia, como tal documento ainda não foi registrado, divulgado e aplicado, mantemos a simbologia empregada pelos pesquisadores do referido *corpus*.



<b>SINAL</b>	Identificação em uso do sinal de alguma entidade (e.g., pessoa, animal, local). Ex: SINAL (concordia).
//	Representa a supressão de algum parâmetro fonológico na produção linguística do emissor, de modo que não comprometa o seu entendimento. Ex: PRONTO//

Quadro 01: Símbolos e seu respectivo significado usado na transcrição.

Fonte: Quadros et.al (s/d).

Nessa direção, estabelecemos três trilhas, com as seguintes especificações e características gerais.

<b>TRILHA</b>	<b>FINALIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
(1) <b>SinaisD</b>  (2) <b>SinaisE</b>	Registrar as glosas e indicar a(s) mão(s) empregadas na realização do sinal.	Letras maiúsculas, glosas com mais de uma palavra, MD - mão direita e ME - mão esquerda.
(3) <b>Modais deônticos</b>	Expressão de atitude de obrigação, permissão e proibição em relação ao receptor.	Obrigatoriedade, possibilidade, proibição.

Quadro 02: Especificações e características das trilhas.

Fonte: os próprios autores, inspirado em Rodrigues (2013).

Como forma complementar, para possibilitar ao leitor o acesso direto ao vídeo analisado neste trabalho, acrescentamos o uso online pelo código QR. De acordo com Ribas et.al. (2017), esse aplicativo, pensado inicialmente para fins da indústria automobilística, consiste em um código de barras bidimensional que pode ser manipulado para propósitos de escaneamento em aparelhos móveis munidos de câmera. Tal dispositivo exerce a direção e a conversão dos dados em textos multimodais (e.g., escritos, orais/sinalizados), endereços eletrônicos, dentre outros, a partir de combinações de caracteres numéricos. Com o estabelecimento da tecnologia, esse mecanismo tem sido amplamente empregado em ações de cunho educacional e científico, de maneira a otimizar os trabalhos.



Figura 02: *QR code* para acesso ao vídeo analisado diretamente do Corpus da Libras.

Fonte: os próprios autores.

Agora, passaremos à identificação dos modalizadores deônticos e sua concepção, alicerçado nos dados coletados e transcritos.

### 3 Resultados 3 Discussão

Ferreira (2010) salienta que, em Libras, alguns dos modalizadores deônticos mais recorrentes são **PRECISAR** (verbo), **OBRIGATÓRIO** (adjetivo)/**OBRIGAÇÃO** (substantivo)<sup>16</sup>, **PODER** (verbo), **PROIBIDO** (adjetivo)/**PROIBIR** (verbo), **OPCIONAL** (adjetivo) e **DEIXAR** (verbo).

Respaldados nos apontamentos da autora, ao averiguar o vídeo escolhido, constatamos a ocorrência de 34 (trinta e quatro) modalizadores deônticos, sendo 24 (vinte e quatro) de obrigatoriedade, 04 (quatro) de proibição e 06 (seis) de permissão. Todavia, em virtude da repetição de termos e sentidos que surgiram ao longo da entrevista, selecionamos 09 (nove) trechos de fala da informante em ordem cronológica. Entretanto, para o escopo de análise e discussão, optamos por agrupar os mesmos em uma sequência fundamentada em seus modalizadores. É importante destacar que revelamos os enunciados em glosa e em imagens congeladas da sinalização para que o leitor tenha maior clareza e fineza ao acessar a exata fala da entrevistada. Nas glosas, os termos em negrito, e nas imagens, o contorno vermelho, são para realçar a expressão modal referida.

- (1) (00:03:05.348 à 00:03:16.823) **TODOS-OS-DIAS** E(durante) **LÍNGUA-DE-SINAIS** **MANHÃ** **TARDE** **GRUPO** **DANÇAR** **LÍNGUA-DE-SINAIS**

<sup>16</sup> Em situações como esta e em **PROIBIDO/PROIBIR**, em Libras, um mesmo item lexical representa tanto o adjetivo quanto o substantivo e o adjetivo como o verbo, respectivamente. Diante disso estão indicados por barra única. O contexto será determinante para que o termo correto seja diferenciado.

INTERVALO IX(eu) LÍNGUA-DE-SINAIS **OBRIGAR** LÍNGUA-DE-SINAIS  
DEM(esse) PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS PERFEITO NÃO E(gesto)  
DEM(esse) ALUNO E(todos)// IGNORAR JÁ.





(2) (00:07:39.637 à 00:07:47.679) MÃE NÃO+ SURDO E(negativo) LER PORTUGUÊS+ NÃO+ PORQUE PASSADO **OBRIGAR** SURDO **PRECISAR** PERFEITO PORTUGUÊS IX(eu) PALAVRA-DESORDENADA NÃO.





Em (1) e (2) o modalizador OBRIGAR traz consigo, de fato, uma ideia de obrigatoriedade, na qual o provável receptor deveria obedecer. Em ambos enunciados, de acordo com Nascimento (2010), esta modalidade é diretamente expressa, visto a condução de obrigação que leva. Contudo, o teor é distinto, já que em (1) o caráter de obrigatoriedade advém de algo positivo, a necessidade para que os estudantes surdos da escola fizessem uso da Libras. Em contrapartida, no trecho (2), a informação é posta a reproduzir a fala da mãe, citando que as pessoas surdas eram obrigadas a usar e produzir o Português perfeitamente, mesmo que de forma escrita. Esta obrigatoriedade externa expressa na fala da mãe, e recontada na mesma intensidade pela informante, é uma condição linguística imposta pela sociedade que reverbera nas ações e relações familiares de surdos, como aponta Silva (2017) ao discutir o bilinguismo intermodal de minoria<sup>17</sup> dessa população. Isso demonstra que as condições socialmente construídas, independente de quais sejam, impactam a vivência, a concepção e a produção discursiva dos sujeitos, como citam Van der Auwera e Plungian (1998). Influência externa com essa essência também foi detectada nos estudos de Shaffer (2004) na ASL.

(3) (00:03:51.734 à 00:04:00.104) IX(eu) PAI TRABALHAR **PRECISAR**  
 E(positivo) FAMÍLIA IX(eu) ACOMPANHAR MUDAR DEM(esse)  
 PARAGUAI TER ESCOLA NÃO PARECER ESFORÇAR FS(reabilitação)  
 MÉDICO.

<sup>17</sup> De acordo com a autora, embasada no diálogo com demais pesquisadores, esse bilinguismo de minoria dos surdos é assim entendido por lidar com uma língua de sinais e a língua majoritária e oficial do país.



(4) (00:04:06.954 à 00:04:12.920) MÃE PESQUISAR **PRECISAR** ESCOLA  
 PRÓPRIO SURDO ALGUNS-DIAS PAI MARCAR MUDAR DEM(lá)  
 ESPANHA DEM(lá).



Nos trechos (3) e (4), o modalizador PRECISAR também carrega a noção da obrigatoriedade e a manifesta diretamente (NASCIMENTO, 2010). Não obstante, pela sinalização, percebe-se que as justificativas para tal são diferentes. Em (3), o verbo PRECISAR apresenta uma expressão não-manual comum e suave, ao relatar a necessidade de mudança internacional da família devido ao trabalho do pai. Por outro lado, em (4), a expressão facial (e.g., sobrancelhas) e a sinalização são mais intensas, visto a importância que a mãe imprimiu em matricular a filha (i.e., entrevistada) em uma escola específica para estudantes surdos na Espanha. A expressão mais acentuada denota, linguisticamente, nas línguas de sinais, uma maior ênfase.

(5) (00:06:57.931 à 00:07:05.734) MÃE SABER IX(eu) IR ESTUDAR QUATRO ANOS GALLAUDET PRONTO// VOLTAR CERTIFICADO BRASIL NÃO ACEITAR\_ CERTIFICADO E(então) EXEMPLO PEDAGOGIA E(então) CERTIFICADO NÃO-PODE// COMO.







No recorte (5), o modalizador **NÃO ACEITAR** também representa uma proibição, diretamente expressa (NASCIMENTO, 2010), já que, segundo a fala da mãe, o Brasil poderia não validar a certificação obtida no exterior.

(6) (00:14:04.341 à 00:14:16.767) IX (você) **PRECISAR ENSINAR CONTINUAR SINAL**(concordia) E(ver) **AVALIAR ANO-ALGUNS** E(ver) E(então) E(positivo) IX(eu) **VOLUNTÁRIO DEM**(esse) **PODE-NÃO** E(então) **BOLISTA PODE-NÃO** **CONTRATO IX**(eu) **DESISTIR VOLUNTÁRIO IX**(eu) E(frequente dois) **PROCESSO TAMBÉM**.





Em (6), o modal deôntico PODE-NÃO configura-se como proibição, instaurado indiretamente por meio da negação da permissão, não explicitando se é apenas à entrevistada ou a todas as pessoas o trabalho voluntário, por ser bolsista em período de doutoramento. Frente às evidências de obrigatoriedade e proibição encontradas até aqui, Ferreira (2010) postula que essas situações são originadas por/em relações sociais e pessoais entre o(s) emissor(es) e receptor(es).

(7) (00:18:44.945 à 00:18:51.763) IX(todos) SURDO CAPAZ VIVER SÓ PRÓPRIO  
CASA CADA+ **POSSÍVEL** VIAJAR PAGAR CADA DEM(esse)  
IMPORTANTE E(enfrentar vida).





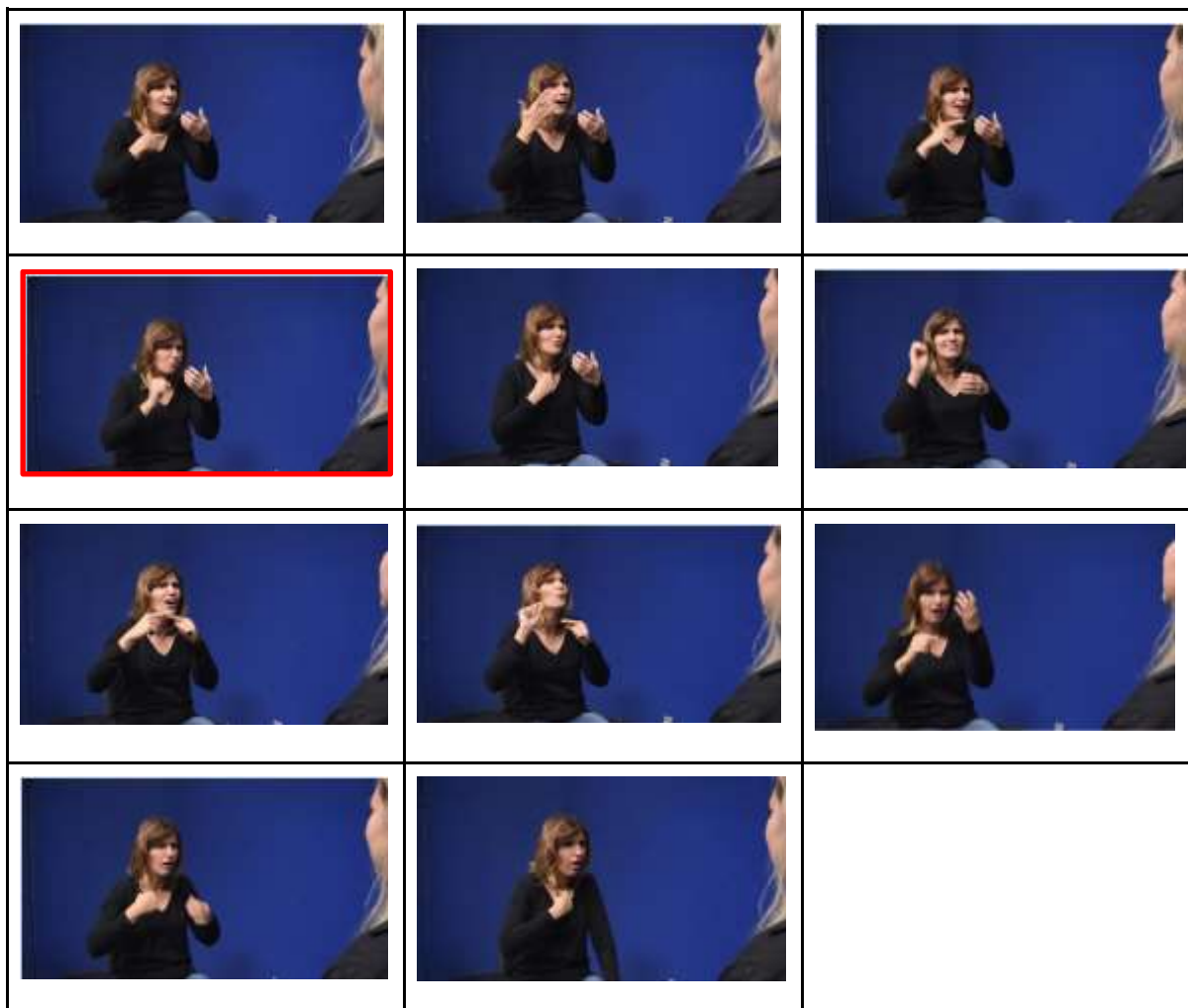
(8) (00:20:31.549 à 00:20:39.046) IX(eu) **PODE** PRODUZIR IX(eu) **PODE**  
 CONTAR PRODUZIR IX(eu) **PODE** RIR PRODUZIR LIVRE POSS(meu)  
 IMAGINAR DIRETO LÍNGUA-DE-SINAIS.





(9) (00:22:59.954 à 00:23:08.790) IX(eu) MUDAR DEM(lá) FRANÇA EU SABE-  
 NÃO FRANCÊS IX(eu) CARAMBA SUPERMERCADO DV(pegar-objeto)  
 LER IX(eu) SABER-NÃO+ DEM(esse) **PODE** PODE-NÃO E(deixar)  
 COMBINAR O-QUE E(desperado) IX(eu) CARAMBA.





No trecho (7), o modal deôntico representa possibilidade, sendo algo facultativo exercer ou não, diretamente expressa (HEISLER, 2014) e que demonstra capacidade e habilidade (SHAFFER, 2004), em que os surdos são tidos como sujeitos que podem viver sozinhos, sem a dependência assistencial de alguém. Em (8), a mesma forma, diretamente manifesta, se mantém, em razão da informante referenciar, anteriormente, que a língua de sinais lhe abre um leque de ações. Na passagem (9), o modal PODER é expresso indiretamente, pois, conforme a fala da entrevistada, as informações contidas no rótulo são orientações distribuídas a quaisquer pessoas, não sendo, portanto, destinada a uma única.

Os enunciados acima demonstram noções de obrigação, proibição e permissão (FERREIRA, 2010), mas compatível a Prata e Vidal (2014), que destacou os modais deônticos em língua espanhola percebemos que a maior ocorrência é no sentido da obrigação e permissão, assim como constatou Shaffer (2004) e Salazar-García (2018) com pesquisas alusivas à Língua de Sinais Americana e Língua de Sinais Espanhola,

respectivamente. Para os autores supracitados, este achado pode ser reflexo de uma linha subjetiva, na qual, geralmente, a proibição é mais evidente.

### **Considerações Finais**

A modalidade deôntica na Libras existe, assim como em qualquer outra língua natural, e tem a premissa de corroborar a maneira em que o emissor implanta e desenvolve suas ideias de obrigatoriedade, permissibilidade e proibição frente a um receptor (NASCIMENTO, 2010).

A partir de um vídeo retirado do Corpus da Libras organizado por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, pudemos reconhecer os conceitos e classificações a respeito do fenômeno da modalização, discutindo aspectos linguísticos desse fenômeno da linguagem humana, considerando a impressão funcionalista da língua em uso comunicativo.

Pela variedade de demonstrações modais em Libras aqui exibidas, percebe-se a relação estabelecida com o meio social, uma vez que o mesmo pode sugerir interpretações como recomendam Van der Auwera e Plugian (1998). Ainda, por se tratar de uma língua gestual-visual, as expressões não-manuais serão elementos indissociáveis na constituição e composição dos léxicos, podendo, inclusive, impactar a produção e a recepção dos modalizadores, devido a variação entre as formas basais e intensificadas (XAVIER, 2017). Ainda que este trabalho não tenha instaurado uma análise de gramaticalização dos modais na Libras como Xavier e Wilcox (2014), concordamos com os autores que alguns desses termos parecem resultar de uma fase inicial enquanto gesto até compor o sistema linguístico lexicalizado.

Após as ponderações feitas, esperamos que outras pesquisas surjam com intuito de aprofundar e problematizar essa questão. Como o *corpus* vem crescendo e está sendo, no momento, catalogado em Maceió (AL), Fortaleza (CE) e Palmas (TO), como já foi feito na Grande Florianópolis (SC), uma projeção futura poderia ser o mapeamento dos modais deônticos da Libras em cada uma dessas regiões, verificando os mais ou menos usados e, até mesmo, o confrontamento entre tais modalizadores, considerando a extensão territorial do país e a(s) variação(ões) linguística(s) existentes.

### **Referências**

ALMEIDA-SILVA, A.; CARVALHO, A. P. L. Análise enunciativa das marcas modais presentes em corpus de interpretação simultânea de Libras-Português. *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 2, p. 289-318, 2015.

ARAÚJO, A. D. S. *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. 2013, 107 f. Dissertação de mestrado em Linguística – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

EAGLETON, T. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FERREIRA, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. [reimp] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 273, 2010.

FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. O movimento de sobrancelhas como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 48, p. 78-102, 2019.

FROMM, G. O uso de corpora na análise linguística. *Revista Factus*, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2003.

GOMES, M. F. A entrevista na sala de aula. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 2, n. 1, p. 20 - 31, 2012.

HEISLER, D. *O Estudo da modalidade Epistêmica e Deontica dos verbos modais ‘poder’ e ‘dever’ com complemento infinitivo*. Trabalho de conclusão de curso Letras - Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

HERMANN, A. *Modal and Focus Particles in Sign Languages: A Cross-Linguistic Study*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 312, 2013.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. v. 7, São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, T. A.; McCLEARY, L. A identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada-no-uso. *Revista Todas as Letras*, v. 15, n. 1, p. 62-87, 2013.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, W. Funcionalismo, pragmática e análise do discurso: reflexões analítico-críticas. *Revista Odisseia*, n. 3, p. 1-19, 2009.



MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Org). *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 329-369.

McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *Revista Alfa*, n. 54, v. 1, 2010.

NASCIMENTO, E. P. A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas. *Revista Fórum Linguístico*, v. 7, n. 1, p. 30-45, 2010.

OLBERTZ, H. 2017. Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessities in Spanish. A semantic description. *Web Papers in Functional Discourse Grammar 90*, 2017. Disponível em: <[http://home.hum.uva.nl/fdg/working\\_papers/WP-FDG-90.pdf](http://home.hum.uva.nl/fdg/working_papers/WP-FDG-90.pdf)>. Acesso em 02 de agosto de 2019 às 13h00.

OLIVEIRA, J. S. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras*. 2015, 425 f. Tese de doutorado em Estudos da Tradução - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. In: BRENTARI, D. (Org). *Sign Languages*. Cambridge: University Press, p. 381-402, 2010.

PIZZIO, A. L; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. *Língua Brasileira de Sinais II*. Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras na modalidade a distância da Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

PRATA, N. P. P; VIDAL, R. P. *Modalidade deôntica em língua espanhola: uma análise funcionalista em corpus oral*, 2014.

QUADROS, R. M. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a libras no Brasil. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (Org). *Estudos das Línguas de Sinais*. v.1, Editora INSULAR, Florianópolis, 2013.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

QUADROS, R. M. A transcrição de textos do Corpus de Libras. *Revista Leitura*, v. 1, n. 57, p. 8-34, 2016.

QUADROS, R. M. *Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso, p. 247, 2017.

QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. A. e colaboradores. *Corpus de Libras*. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

REILLY, J. How faces come to serve Grammar: the development of nonmanual morphology in American Sign Language. In: SCHICK, B.; MASCHARK, M.; SPENCER, P. E. (Org). *Advances in the Sign Language development of Deaf Children*. New York: Oxford University Press, 2006, p. 412.

RIBAS, A. C.; OLIVEIRA, B. S.; GUBAUA, C. A.; REIS, G. R.; CONTRERAS, H. S. H. O uso do aplicativo *QR code* como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem. *Ensaio Pedagógicos*, v. 7, n. 2, p. 12-21, 2017.

RODRIGUES, C. H. *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. 2013, 255 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

SALAZAR-GARCÍA, V. Modality in Spanish Sign Language (LSE) revisited: a functional account. *Open Linguistics*, v. 4, p. 391–417, 2018.

SHAFFER, B. Information ordering and speaker subjectivity: Modality in ASL. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 175-195, 2004.

SHAFFER, B., JANZEN, T. Modality and mood in American Sign Language. In: NUYTS, J.; VAN DER AUWERA, J. (Org). *The Oxford Handbook of Modality and Mood*, Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 448-469.

SILVA, G. M. O bilinguismo dos surdos: acesso às línguas, usos e atitudes linguísticas. *Revista Leitura*, v. 1, n. 58, p. 124-144, 2017.

VAN DER AUWERA, J.; PLUNGIAN, V. A. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*, v. 2, p. 79-124, 1998.

XAVIER, A. N. A Expressão de Intensidade em Libras. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVI, p. 1-25, 2017.

XAVIER, A. N. *Uma ou duas? Eis a questão!:* Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). 2014, 178 f. Tese de Doutorado em Linguística- Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas,

XAVIER, A.; WILCOX, S. Necessity and possibility modals in Brazilian Sign Language (Libras). *Linguistic Typology*. v. 18, n.3, p. 449–488, 2014.

WILCOX, P; WILCOX, S. The gestural expression of modality in American Sign Language. In: BYBEE, J.; FLEISCMAN, S. (Org). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 575.